

# O Comércio Internacional da Indústria de Serviços: os Impactos no Desenvolvimento de Países da América Latina

Anita Kon\*

**Resumo:** Este trabalho analisa os reflexos na América Latina da crescente comercialização mundial da Indústria de Serviços, impulsionada como resultado da globalização mundial das atividades econômicas e pelo papel como propulsora do desenvolvimento interno destes países. São analisados inicialmente os aspectos teóricos da crescente integração econômica mundial, que teve como base o desenvolvimento tecnológico da Indústria de Serviços. Em seqüência é examinada a crescente participação dos serviços no comércio mundial, destacando-se a comparação do desempenho da América Latina com as demais regiões econômicas. As análises mostram que, na atualidade, embora enfrentando barreiras e desvantagens relativas no comércio mundial de serviços, esta região já apresenta participação relevante de serviços considerados *tradables*.

**Palavras-chave:** Serviços, Indústria, Comércio Internacional, América Latina, Desenvolvimento Econômico.

**Abstract:** This article aims to analyze the impacts on Latin America services industry increasing world trade, which was stimulated by world economic globalization and by its role as these countries domestic development driver. It is first examined some theoretical aspects about the growing world economic integration, based on technological development of the service industry. The services participation in world trade is then analyzed, in detaching Latin American performance among other economic regions. The results show that presently, even though facing barriers and relative disadvantages in services world trade, this region already presents important participation in tradable services.

**Keywords:** Services, Industry, Trade, Latin America, Economic Development.

---

\* Economista. Professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Brasil. Coordenadora do Grupo de Pesquisas em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia (EITT) do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política da PUCSP. *E-mail:* anitakon@pucsp.br. Recebido em 16/08/06 e aceito em 24/10/06.

## Considerações iniciais

Entre os diversos caminhos a serem explorados pelos países em desenvolvimento da América Latina, está inserido o da internacionalização dos serviços, que na atualidade têm desempenhado um papel relevante como indutores e catalisadores do processo de modernização e crescimento da economia como um todo e não mais apenas como atividades complementares aos demais setores. Este novo papel de indutor ao desenvolvimento econômico mostra-se relevante para a geração de renda e riqueza das economias na modernidade, desde que se observa na atualidade uma forte relação entre a capacidade de exportação de serviços específicos e o nível de desenvolvimento econômico dos países; é constatado que os países mais avançados apresentam maior dinâmica nos fluxos mundiais de exportação de serviços (MARCONINI, 2006).

Novas formas de competição entre empresas - que surgiram com a integração financeira internacional, com aumento do volume e da velocidade de circulação dos recursos disponíveis - tornaram a prioridade de concorrência não apenas voltada para os fluxos internacionais de mercadorias, mas também crescentemente para os serviços dinâmicos indutores de geração de valor agregado nos processos produtivos (MILLES, GREEN, HOWELLS, 2001; WOLFL, 2005). Em cada economia nacional, a velocidade e intensidade do aumento da internacionalização das atividades de serviços, têm sido em grande parte influenciadas pelas políticas públicas internas que, por um lado subsidiam os requisitos necessários para o aumento dos fluxos destas atividades entre países, e por outro buscam a intensificação da internacionalização de serviços através de Tratados internacionais (MARCONINI, 2006).

Com o objetivo de oferecer subsídios para a dinamização da internacionalização de serviços em países em desenvolvimento, este trabalho analisa os reflexos na América Latina da crescente comercialização mundial da Indústria de Serviços, que se caracteriza tanto como resultado da globalização mundial das atividades econômicas, quanto como propulsora do desenvolvimento interno destes países. São analisados inicialmente os aspectos teóricos da crescente integração econômica mundial, que teve como base o desenvolvimento tecnológico da Indústria de Serviços, determinante prioritário desta mundialização. Em seqüência é examinada a crescente

participação dos serviços no comércio mundial, destacando-se a comparação do desempenho da América Latina com as demais regiões econômicas. As análises mostram que, na atualidade, embora enfrentando barreiras e desvantagens relativas no comércio mundial de serviços, esta região já apresenta participação relevante de serviços considerados *tradable*.

## **O desenvolvimento da internacionalização de serviços**

A partir do desenvolvimento tecnológico nos sistemas de transportes (desde o século XVI), tem sido possível às nações a intensificação de suas interações econômicas, ampliando o acesso a insumos e a mercados, com resultados na internacionalização econômica. Esta internacionalização, que desde aquele século tinha o caráter de trocas comerciais de mercadorias, se intensificou na segunda metade do século XIX, passando da esfera da circulação de mercadorias, para a da produção, com o desenvolvimento da indústria na Europa e o processo extremamente rápido de concentração da produção. Transformou-se, nestas circunstâncias, na internacionalização do capital financeiro, como resultado da acumulação de capital nos Bancos, que passam a atuar não só como intermediários, mas como monopolistas do capital-dinheiro, de meios de produção e de matéria-prima em vários países, unindo-se às empresas no processo produtivo (KON, 1994).

Esta concentração dos excedentes de capital, que em grande parte são exportados, resultou num novo estágio de desenvolvimento industrial, já no século XX. Isto se verificou através de investimentos diretos das grandes empresas no exterior na produção de matérias-primas e de produtos manufaturados, em busca de mercados mais amplos, menores custos dos fatores produtivos e de um modo geral, maior retorno ao capital investido.

Particularmente a partir da Segunda Guerra Mundial, uma parte dos países, até então menos desenvolvidos, foram também conduzidos a um processo de industrialização, e a uma nova divisão internacional do trabalho, que conservou, porém uma desigualdade estrutural já consolidada anteriormente, resultante do monopólio do novo conhecimento científico e técnico. Estes países receberam este conhecimento tecnológico já pronto, sem possuírem inicialmente o controle desta técnica e convertiam-se apenas em base de fabricação mundial, sobretudo por oferecerem a vantagem de uma mão-de-obra barata.

Dessa maneira, com a continuidade dos avanços tecnológicos nas áreas de transportes e comunicações do pós-guerra, o próprio aparato produtivo das empresas é deslocado para o exterior, inicialmente com a internacionalização da produção de produtos acabados. Posteriormente, a partir do final dos anos 1960 (particularmente com o avanço da microeletrônica e da tecnologia da informação), em alguns setores o processo de produção é internacionalizado, com o desenvolvimento de cada parte do processo em uma diferente região mundial. O fenômeno da globalização, intensificado no mercado mundial na década de 1990 é, portanto, um processo histórico de internacionalização do capital, que se difundiu com maior velocidade, particularmente a partir das três últimas décadas graças ao avanço tecnológico.

Neste contexto, desde a década de 1980 configurou-se uma nova etapa mais avançada e veloz de transformações tecnológicas e de acumulação financeira, intensificando a internacionalização da vida econômica, social cultural e política. Observou-se então que as atividades econômicas passaram progressivamente a se desenvolver de forma independente dos recursos de um território nacional, sejam recursos naturais ou “construídos pelo homem”. Esta desterritorialização tem como causas o padrão do progresso técnico, a preferência dos consumidores, organização corporativa e/ou políticas públicas de governos nacionais, o que favorece a maior mobilidade dos fatores produtivos sem perda de eficiência, competitividade e rentabilidade (LERDA, 1996).

Como salienta Milton Santos (1994), a noção de território, na atualidade, transcende a idéia apenas geográfica de espaços contíguos vizinhos que caracterizam uma região, para a noção de rede, formados por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais; o espaço econômico, neste sentido, é organizado hierarquicamente, como resultado da tendência à racionalização das atividades e se faz sob um comando que tende a ser concentrado em cidades mundiais (cujas características serão analisadas posteriormente com maior detalhe), onde a Tecnologia da Informação desempenha um papel relevante; este comando então passa a ser feito pelas empresas através de suas bases em territórios globais diversos.

No caminho do desenvolvimento tecnológico e do processo de globalização econômica da década de 1990 mencionado, novas formas de competição

entre empresas e sistemas econômicos se moldam e prevalecem em diversas áreas. Observa-se inicialmente uma integração financeira internacional, com aumento do volume e da velocidade de circulação dos recursos disponíveis. Do ponto de vista comercial, a globalização acarreta no desenvolvimento de semelhanças nas estruturas de demanda e homogeneidade da estrutura de oferta dos vários países. A competição entre empresas se volta não apenas para o produto, mas principalmente para a tecnologia dos processos produtivos (SVETLICIC, 1993). A competitividade tecnológica implica também em custos elevados em pesquisas para desenvolvimento de produtos existentes e criação de novos produtos e serviços, na sofisticação no atendimento da demanda, e na provisão de assistência técnica. As empresas se reestruturam geograficamente, visando à competição a nível mundial, procurando as vantagens comparativas de cada país.

Por outro lado, os processos produtivos passam a apresentar semelhanças entre as técnicas produtivas, métodos organizacionais e administrativos. Estes processos estimulam a concentração de capital e de mercados, e a consolidação de oligopólios. No entanto, muitas vezes estas estruturas de mercado se revestem de rigidez excessiva ante os novos paradigmas baseados em flexibilidade produtiva e distributiva. Algumas pesquisas (UN, 1993) mostram o fato de que nestas condições, a oferta de produtos é interligada em âmbito mundial, através da crescente cooperação entre empresas, que entram em acordos quanto à divisão de mercado, à troca de conhecimentos tecnológicos, compartilhando muitas vezes riscos e custos financeiros. O aumento do número de fusões a nível mundial leva à evidência do crescimento da atuação das empresas transnacionais que, no entanto, se concentram regionalmente, no sentido do atendimento dos grandes blocos econômicos que se desenvolveram.

Por outro lado, com a aceleração da globalização, a política econômica de cada país passa a ser grandemente condicionada por fatores externos, visando atender aos objetivos da competitividade internacional e da participação ativa no processo de interrelação mundial. Em cada economia nacional, a velocidade da internacionalização das atividades, em grande parte, é influenciada pelas políticas públicas internas compatíveis com os requisitos do aumento dos fluxos entre países. Neste contexto, os reflexos

da aceleração do progresso tecnológico nas últimas décadas e do processo de globalização econômica foram intensos sobre a natureza e sobre a divisão nacional e internacional do trabalho, e particularmente sobre a condição de internacionalização dos serviços.

As transformações na estrutura produtiva não se deram apenas no montante de produto gerado ou nos processos tecnológicos. Em anos recentes, particularmente após a década de 1980, a economia mundial se caracterizou por mudanças substanciais na natureza da produção, como visto, e as demandas por bens e serviços estão sendo atendidas por uma economia mundial, como visto. Desde então, a internacionalização de capital, que se elevou desde o início deste século com as empresas multinacionais e posteriormente transnacionais, resultou na globalização mundial das atividades econômicas. A esta integração, a contribuição dos serviços no campo dos transportes e das comunicações facilitou as configurações das instalações de produção das empresas multinacionais. Porém estas configurações são sustentadas através de serviços sofisticados de Construção Civil e de planejamento e também por serviços financeiros internacionais.

Estes serviços asseguram inter-relacionamentos nos canais de produção e distribuição, desempenhando o papel relevante no fluxo da economia internacional. Dessa forma, grupos sofisticados de serviços estão substituindo as atividades manufatureiras tradicionais enquanto setores líderes de economias avançadas e possivelmente das economias em desenvolvimento.

Muitas empresas transnacionais de serviços tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, decidem seus investimentos externos diretos de acordo com as possibilidades de melhor resposta às demandas. Um estudo da ONU coordenado por Karl Sauvant (1993) investigou empiricamente os determinantes destes investimentos diretos no exterior. As conclusões do estudo revelaram que quando as empresas das indústrias de serviços investem no exterior, suas motivações são semelhantes aos investidores das indústrias manufatureiras. Procuram operar em grandes mercados, povoados por culturas não muito diferentes das próprias, com um montante mínimo de restrições governamentais, fornecendo para firmas que são clientes pré-estabelecidos de seu próprio país. As firmas das indústrias oligopolísticas tendem a ser particularmente ativas, pois as barreiras à entrada limitam o

alcance da livre entrada de firmas marginalmente lucrativas. Mas ainda que as empresas de serviços sejam atreladas a uma determinada localização, a tecnologia está começando a mudar este atributo.

Assim, as exportações de serviços bem como as importações, são partes importantes do processo de internacionalização à medida que os mercados globais se tornam mais relevantes para as relações econômicas. Muitas cidades, tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, foram confrontadas nos anos 1970 com disparidades no crescimento e em colapsos periódicos nos mercados de terra, trabalho e moradias, bem como em outras tendências econômicas. À medida que o processo de internacionalização exigia certas transformações na infraestrutura econômica, principalmente através de atividades de serviços, estas regiões puderam observar uma recuperação com relação ao decréscimo do desenvolvimento econômico e um aumento das oportunidades de emprego, embora os trabalhos para a mão-de-obra não-qualificada tenham progressivamente diminuído e a demanda por profissionais qualificados tenha significativamente aumentado.

A internacionalização da economia mundial na década de 1980 reforçou a posição de muitas cidades desenvolvidas na hierarquia financeira global, como no caso da região metropolitana de Nova York, anteriormente citado, que é um bom exemplo dos efeitos da internacionalização dos serviços (WARE, 1991). O ressurgimento dramático da centralidade mundial desta cidade nos anos 1980 se deve grandemente na orientação internacional do crescimento da região, devido à internacionalização da economia de serviços, embora seja errôneo atribuir a recuperação da região inteiramente ao setor de serviços, desde que Nova York ainda concentra empregos manufatureiros em alta intensidade, mas foram os serviços financeiros e auxiliares às empresas, particularmente os mais internacionalizados, que foram primeiramente responsáveis pela recuperação da região. Outras cidades mundialmente dinâmicas da Europa e da Ásia passaram por processos semelhantes, desde os anos setenta.

A desregulação dos serviços financeiros e o advento de modos avançados de comunicação intensificaram a internacionalização de firmas de serviços financeiros. A globalização da economia mundial criou um novo papel para as cidades que são eixos internacionais de negócios e para aquelas que são

ligadas pela tecnologia da telecomunicação. Originalmente, as atividades bancárias internacionais se desenvolveram como um complemento do comércio internacional, pois é um imperativo das instituições financeiras de ter a presença física próxima do cliente e uma presença ativa nos mercados mais relevantes, a fim de realizar efetivamente os negócios que são intensificados por conexões diretas confiáveis. Apenas recentemente as atividades bancárias internacionais e o comércio internacional se colocam separadamente como duas partes de uma rede mundial ao invés de formarem uma unidade. Na atualidade, os mercados financeiros operam 24 horas diariamente auxiliados pela transferência eletrônica de informações e de fundos ao redor do mundo.

Apoiados pela base financeira, outras atividades de serviços vêm se difundindo mundialmente, visando o atendimento de assessoria a empresas ou à demanda de serviços de consumo familiar. No caso do Brasil, além da importação de serviços financeiros e de telecomunicações, umas séries de empresas prestadoras de serviços de outras nacionalidades vêm investindo no mercado deste país, mais intensamente no segundo quinquênio dos anos noventa, principalmente por meio de franquias. Trata-se particularmente de serviços de limpeza doméstica, oficinas mecânicas, cabeleireiros, lavanderias, locação de veículos, redes de *fast-food*, serviços hospitalares e equipamento em domicílio, entre outros. A globalização destes serviços tem provocado, em médio prazo, redução de preços do setor no mercado brasileiro, tendo em vista que, de uma forma geral, estes serviços utilizam padrões de qualidade e de eficiência (estabelecidos pela matriz) superiores às similares nacionais, resultantes da tecnologia usada ou de insumos importados para sua operacionalização, com ganhos de escala e muitas vezes com processos automatizados. A importação destes serviços apresenta reflexos consideráveis no comércio internacional e Balanço de Pagamento dos países.

Nesta evolução da internacionalização produtiva, a mercadoria representada por bens materiais tem sido particularmente objeto de comércio internacional e tradicionalmente os serviços têm sido considerados como não comercializáveis internacionalmente (*non-tradable*) devido à sua natureza não-material. Com a intensificação da mudança tecnológica na área de transportes, comunicações e particularmente com o advento da Economia

da Informação facilitada pela difusão da microeletrônica, as transformações produtivas e a intensificação da internacionalização econômica tiveram como resultados indiretos a crescente integração dos serviços com os processos produtivos das mercadorias; estes processos produtivos dos bens passaram a se revelar gradativamente intensivos em serviços. Paralelamente, a eficácia da distribuição internacional das mercadorias bem como da difusão do conhecimento e da informação, assumem papel significativo no sistema econômico globalizado. Conseqüentemente, também se elevam a intensidade e a velocidade da comercialização internacional de serviços, que na atualidade são reconhecidos como mundialmente comercializáveis (*tradable*) (KON, 1996).

O mercado internacional para serviços se ampliou consideravelmente, desde que a incerteza econômica por parte das firmas e dos países se elevou, e se tornam cada vez mais necessários ajustes no seu comportamento, visando a contenção de custos e a competição nos mercados mais dinâmicos. A atualização da informação e do conhecimento sobre processos organizacionais e produtivos é uma busca constante e os fluxos internacionais destes insumos resultam da ampliação da concorrência globalizada. Como salienta Castells (1999):

O novo espaço industrial é organizado em torno de fluxos da informação que, ao mesmo tempo, reúnem e separam - dependendo dos ciclos das empresas - seus componentes territoriais. (...) a nova lógica espacial se expande criando uma multiplicidade de redes industriais globais, cujas intersecções e exclusões mudam o próprio conceito de localização industrial de fábricas para fluxos industriais.

## **A crescente participação dos serviços nos fluxos do comércio mundial**

Os serviços desempenham um papel crescentemente importante nas relações econômicas entre as nações, além do papel considerável nas economias nacionais em todos os níveis de desenvolvimento, com maior intensidade nas economias mais avançadas. Na atualidade, como visto, a

produção de serviços é uma atividade econômica central na maior parte dos países. Dados da *World Trade Organization* (WTO) para 1996, mostravam uma participação dos serviços no valor adicionado total de países de baixa renda em torno de 37%, de 53% em países de renda média e nos de alta renda a representatividade superava 70%. Estas cifras são significativamente superiores às das décadas anteriores, que se situavam cerca de 5% a 10% abaixo, nos três grupos.

Em uma série de países, os serviços têm sido mais relevantes para o crescimento do emprego do que sugerem as representatividades acima descritas. Isto se deve ao fato de que muitos serviços tradicionais, que incluem a distribuição, educação e outros serviços sociais, são intensivos em trabalho. Em muitos setores de serviços ainda é mais difícil a substituição de trabalho por capital do que nas atividades manufatureiras. A expansão dos serviços tem sido conduzida pelas mudanças na demanda, relacionadas às condições de renda regionais, beneficiando determinados setores como, por exemplo, a indústria de hotelaria e turismo. O estímulo econômico resulta das novas tecnologias da comunicação e informação, como mencionado anteriormente, e também da base de infra-estrutura de serviços, que inclui transportes, comunicações e financeiros, que atendem uma ampla gama de usuários industriais.

Como visto, os serviços são considerados como menos comercializáveis mundialmente (*non-tradable*) do que as manufaturas ou produtos agrícolas. Argumentos nesse sentido salientam que muitas transações com serviços requerem a presença simultânea tanto do produtor quanto do consumidor ou, em áreas onde a distância normalmente não teria importância, os mercados são normalmente protegidos por regulamentos e controles governamentais rigorosos. No entanto, isto não é completamente verdadeiro na atualidade para um número crescente de serviços, pois as mudanças técnicas e a reforma nos processos de regulação aperfeiçoaram as condições de oferta em uma série de países e setores. Novas tecnologias de transmissão puseram por terra os antigos conceitos de distância e muitos governos buscaram abrir antigos monopólios a fim de promover eficiência e mobilizar novos capitais e especializações. Por exemplo, muitos serviços bancários, de educação e médicos puderam ser fornecidos via Internet (WTO, 2005).

Como reflexo, estes desenvolvimentos contribuíram para a rápida expansão no comércio exterior. Enquanto o comércio internacional de mercadorias aumentou anualmente cerca de 6%, nos serviços o aumento foi de 8% entre 1980 e 1995. Como resultado, neste período a participação no comércio mundial se elevou de 16 a 18%.

A WTO explica que estes resultados podem ser considerados como subdimensionados, salientando que as cifras para o comércio de manufaturados são infladas artificialmente por uma parcela elevada de crescente de re-exportações e, em segundo lugar, os dados avaliados para os serviços não conseguem captar modos importantes de oferta e subestimam a realidade. Isto porque, baseados nas definições dos Balanços de Pagamentos, os dados de serviços cobrem apenas transações entre residentes e não-residentes e ignoram, por exemplo, serviços comercializados através de agências ou subsidiárias de empresas, que um fornecedor pode operar em mercados exteriores. Apesar disto, o volume do comércio mundial de serviços em 1996, era de US\$ 1.350 bilhões, ou seja, duas vezes superior ao comércio mundial em equipamentos de máquinas e de telecomunicação para escritórios (WTO, 2005).

Dessa forma, as economias mundiais maiores e mais avançadas, que incluem Estados Unidos, Japão e a maior parte de países da União Européia, estão entre os mais importantes fornecedores e importadores de serviços, revelando uma posição superior neste comércio em relação ao de mercadorias. Uma série de países menos avançados vem desenvolvendo indústrias de serviços, capitalizando vantagens comparativas como, por exemplo, na área de turismo, ou para atenderem a crescente demanda de países regionalmente próximos, por outros serviços de infra-estrutura ou financeiros.

As Tabelas 1 e 2 ilustram a distribuição do Comércio Exterior de bens e serviços em regiões mundiais desde a década de 1970, e a posição das principais economias do mundo neste campo. Estas informações coletadas pelas Nações Unidas e pela *World Trade Organization* foram classificadas em grupos de países, como segue:

a) Países desenvolvidos: América do Norte inclui Canadá e Estados Unidos; Ásia, incluindo Israel e Japão; Europa inclui Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Islândia, Irlanda, Itália,

Holanda, Noruega, Portugal, Espanha, Suécia, Suíça e Reino Unido; África do Sul; Oceania inclui Austrália e Nova Zelândia.

Tabela 1 – Participação das exportações e importações no comércio exterior segundo regiões

Economias	Ano	% nos Fluxos Totais de Comércio Exterior				% do tipo de produto			
		Bens		Serviços		Bens		Serviços	
		Export.	Import.	Export.	Import.	Export.	Import.	Export.	Import.
Desenvolvidas	1970	36,4	35,3	14,5	13,8	71,5	71,8	28,5	28,2
	1980	34,3	36,3	15,2	14,2	69,3	71,8	30,7	28,2
	1993	34,2	32,9	21,0	11,9	62,0	73,4	38,0	26,6
	2000	38,0	38,0	15,4	8,6	71,1	81,5	28,9	18,5
	2004	36,2	39,3	15,8	8,7	69,5	81,9	30,5	18,1
América do Norte	1970	35,5	32,5	16,3	15,7	68,6	67,5	31,4	32,5
	1980	34,9	37,0	15,7	12,4	69,0	74,8	31,0	25,2
	1994	32,7	39,5	11,7	16,0	73,7	71,2	26,3	28,8
	2000	34,9	48,1	9,4	7,7	78,7	86,3	21,3	13,7
	2004	32,7	49,7	9,4	8,3	77,7	85,7	22,3	14,3
Ásia	1970	41,7	35,4	10,4	12,5	80,0	73,9	20,0	26,1
	1980	38,1	38,4	10,0	13,5	79,2	74,0	20,8	26,0
	1993	39,8	25,0	22,9	12,3	63,4	67,1	36,6	32,9
	2000	26,4	21,6	45,4	6,6	36,7	76,5	63,3	23,5
	2004	25,9	21,2	46,6	6,3	35,7	77,2	64,3	22,8
Europa	1970	36,2	36,5	14,7	12,5	71,1	74,4	28,9	25,6
	1980	33,2	35,8	16,2	14,8	67,2	70,7	32,8	29,3
	1994	38,9	36,8	12,4	11,9	75,8	75,6	24,2	24,4
	2000	43,1	37,3	10,0	9,6	81,1	79,5	18,9	20,5
	2004	40,4	39,1	11,0	9,5	78,5	80,5	21,5	19,5
África do Sul	1970	30,0	40,0	10,0	20,0	75,0	66,7	25,0	33,3
	1980	51,0	35,3	7,8	5,9	86,7	85,7	13,3	14,3
	1993	48,0	36,0	8,0	8,0	85,7	81,8	14,3	18,2
	2000	42,3	42,3	7,0	8,5	85,7	83,3	14,3	16,7
	2004	38,3	47,5	6,7	7,5	85,2	86,4	14,8	13,6
Oceania	1970	40,0	33,3	6,7	20,0	85,7	62,5	14,3	37,5
	1980	38,0	35,2	8,5	18,3	81,8	65,8	18,2	34,2
	1993	37,6	36,2	12,8	13,5	74,6	72,9	25,4	27,1
	2000	37,2	41,1	10,6	11,1	77,8	78,7	22,2	21,3
	2004	35,6	42,6	11,1	10,7	76,3	79,9	23,7	20,1
Em Desenvolvim.	1970	36,9	36,2	9,4	17,4	79,7	67,5	20,3	32,5
	1980	41,8	33,4	9,0	15,7	82,2	67,9	17,8	32,1
	1993	38,9	40,1	11,1	9,8	77,8	80,3	22,2	19,7
	2000	42,1	41,3	8,0	8,5	84,0	82,9	16,0	17,1

Tabela 1 – Participação das exportações e importações no comércio exterior segundo regiões

Economias	Ano	% nos Fluxos Totais de Comércio Exterior				% do tipo de produto			
		Bens		Serviços		Bens		Serviços	
		Export.	Import.	Export.	Import.	Export.	Import.	Export.	Import.
	1980	36,7	38,5	12,2	12,6	75,0	75,3	25,0	24,7
	1993	37,8	43,2	8,3	10,7	82,0	80,1	18,0	19,9
	2000	38,6	41,0	9,4	11,0	80,5	78,9	19,5	21,1
	2004	44,0	37,8	8,9	9,3	83,1	80,3	16,9	19,7
África	1970	40,6	34,4	6,3	18,8	86,7	64,7	13,3	35,3
	1980	42,9	33,9	6,7	16,5	86,5	67,3	13,5	32,7
	1993	35,8	40,1	10,2	13,9	77,9	74,3	22,1	25,7
	2000	42,5	36,4	9,5	11,6	81,8	75,8	18,2	24,2
	2004	43,7	36,4	9,4	10,6	82,3	77,5	17,7	22,5
Ásia	1970	37,7	37,7	8,2	16,4	82,1	69,7	17,9	30,3
	1980	45,9	32,1	8,6	13,5	84,3	70,4	15,7	29,6
	1993	40,3	40,6	10,3	8,8	79,7	82,1	20,3	17,9
	2000	43,2	41,2	7,5	8,1	85,2	83,7	14,8	16,3
	2004	43,0	41,8	7,4	7,9	85,3	84,2	14,7	15,8
Europa	1970	28,6	42,9	14,3	14,3	66,7	75,0	33,3	25,0
	1980	27,0	40,5	13,5	18,9	66,7	68,2	33,3	31,8
	1993	32,1	28,3	9,4	30,2	77,3	48,4	22,7	51,6
	2000	36,0	47,6	10,0	6,4	78,3	88,1	21,7	11,9
	2004	40,3	43,9	8,7	7,1	82,2	86,0	17,8	14,0
Oceania	1970	25,0	50,0	12,5	12,5	66,7	80,0	33,3	20,0
	1980	22,7	45,5	9,1	22,7	71,4	66,7	28,6	33,3
	1993	42,9	28,6	14,3	14,3	75,0	66,7	25,0	33,3
	2000	42,9	28,6	14,3	14,3	75,0	66,7	25,0	33,3
	2004	...	...	...	...	...	...	...	...

FONTE dos dados brutos: UN Handbook of International Trade and Development Statistics, 1995; World Trade Organization Report, 2005.

b) Países em Desenvolvimento: América, incluindo México e todos os países da América do Sul e Central; África, incluindo todos os países exceto África do Sul; Ásia, incluindo todos os países exceto Israel e Japão; Europa, inclui Malta, a anterior Iugoslávia, Albânia, Bulgária, a anterior Tchecoslováquia, Hungria, Polônia e Romênia; Oceania inclui Fiji, Kiribati, Papua Nova Guiné, Samoa, Ilhas Solomon, Tonga e Vanuatu.

Ainda que os dados sobre importações e exportações de bens e serviços não possam revelar as características anteriormente mencionadas do comércio

de serviços e não possam ser ajustados ao tamanho da população, renda *per capita* e progresso tecnológico, é possível efetuar-se análises relevantes a partir das informações disponíveis. Primeiramente, as tabelas refletem o predomínio dos fluxos de bens em relação a países de todos os graus de desenvolvimento. Por outro lado constata-se um crescimento na proporção de serviços comercializados em relação aos bens de 1970 a 1993, tanto para bens quanto para serviços e uma mudança nessa dinâmica nos períodos

Tabela 2 - Exportações e importações de bens e serviços (Bilhões US\$)

	Ano	Bens		Serviços	
		Exportações	Importações	Exportações	Importações
Economias Desenvolvidas	1970	221	214	88	84
	1980	1255	1327	555	520
	1993	2544	2449	1561	889
	2000	4663	4660	1893	1057
	2004	5720	6212	2506	1376
América do Norte	1970	59	54	27	26
	1980	292	309	131	104
	1994	601	726	215	294
	2000	1224	1688	331	269
	2004	1324	2013	379	335
Ásia	1970	20	17	5	6
	1980	133	134	35	47
	1993	366	230	211	113
	2000	510	417	879	128
	2004	605	497	1091	147
Europa	1970	133	134	54	46
	1980	778	841	379	348
	1994	1501	1419	479	459
	2000	2822	2440	656	631
	2004	3639	3518	995	853
África do Sul	1970	3	4	1	2
	1980	26	18	4	3
	1993	24	18	4	4
	2000	30	30	5	6
	2004	46	57	8	9
Oceania	1970	6	5	1	3
	1980	27	25	6	13
	1993	53	51	18	19
	2000	77	85	22	23
	2004	106	127	33	32

Tabela 2 - Exportações e importações de bens e serviços (Bilhões US\$)

	Ano	Bens		Serviços	
		Exportações	Importações	Exportações	Importações
Em Desenvolvimento	1970	55	54	14	26
	1980	555	443	120	209
	1993	976	1006	279	247
	2000	1783	1751	340	361
	2004	2783	2678	505	526
América Latina e Caribe	1970	16	16	5	9
	1980	105	110	35	36
	1993	141	161	31	40
	2000	194	206	47	55
	2004	276	237	56	58
África	1970	13	11	2	6
	1980	96	76	15	37
	1993	67	75	19	26
	2000	117	100	26	32
	2004	186	155	40	45
Ásia	1970	23	23	5	10
	1980	343	240	64	101
	1993	748	753	191	164
	2000	1357	1295	235	253
	2004	2068	2011	355	378
Europa	1970	2	3	1	1
	1980	10	15	5	7
	1993	17	15	5	16
	2000	112	148	31	20
	2004	249	271	54	44
Oceania	1970	0,2	0,4	0,1	0,1
	1980	1	2	0,4	1
	1993	3	2	1	1
	2000	3	2	1	1
	2004	4	4	...	...

FONTE: UN Handbook of International Trade and Development Statistics, 1995; World Trade Organization Report, 2005.

mais recentes. No caso dos serviços, a tendência de crescimento do peso na Balança comercial, a partir de 2000, foi muito mais marcante nas regiões desenvolvidas da Ásia, e da Oceania. Entre os países em desenvolvimento, a participação crescente das exportações no comércio mundial foi mais intensa em todas as regiões.

A disparidade entre o grau de interdependência das principais economias e as economias de menor nível de desenvolvimento é grande e crescente. Na economia internacional, as atividades de serviços estão fortemente incluídas no contexto de crescimento da dependência ou interdependência econômica global. Embora os países em desenvolvimento mostrem um maior nível de dependência em relação aos mais avançados, as economias modernas também revelam um grau de dependência de suprimentos e do mercado externo, como mostrado nas tabelas pelo montante de importações. Esta dependência ou interdependência é representada por todas as formas de intercâmbio econômico que ocorrem através da compra e venda de bens e serviços entre fronteiras e através da produção direta de indivíduos ou empresas de uma nação no território de outra nação. Vários fatores afetam a significância desta (inter)dependência para os vários países, dependendo do tamanho de seus mercados, de sua população (consumidores), sua renda *per capita*, e do nível de progresso tecnológico de cada economia.

Mas com relação à interdependência dos serviços, não é possível sua mensuração apenas através dos dados de comércio internacional, porque os serviços são parte integrante do processo de produção de bens, no que se refere à integração econômica, como já mencionado. Portanto, as mudanças através do tempo no conteúdo dos serviços como parte da produção dos bens materiais, ou seja, o fato de que os bens estão se tornando “intensivos em serviços”, também deveriam ser levadas em conta na avaliação da contribuição dos serviços na interdependência global. Infelizmente, estas informações ainda não são disponíveis nas estatísticas gerais.

Porém, como é possível observar-se a partir da Tabela 3, já em 1993, a parcela dos serviços em relação à participação dos bens no comércio internacional, tanto com relação às exportações quanto às importações se situou acima de 30% para os países desenvolvidos e de 26% para os ditos emergentes, mostrando uma tendência de crescimento, como é possível ser constatado a partir das significativas taxas anuais de crescimento desde 1980. É interessante notar que embora exista uma tendência esperada de os países em desenvolvimento importarem um montante maior de serviços do que de exportarem, para a maior parte das economias avançadas, com exceção das da América do Norte, a parcela de importações de serviços também é

superior à das exportações, confirmando a interdependência dos mercados globais.

No caso do Brasil, a participação da exportação dos serviços em relação à dos bens foi de aproximadamente 12,7% no período e, portanto consideravelmente inferior à média dos países em desenvolvimento da América, no entanto aproximando-se mais da média da América do Sul que foi de 18,8%. Por outro lado, no que se refere às importações de serviços, a participação do país em relação aos bens importados se situou em 40%, superior aos demais em desenvolvimento da América e da América do Sul, situada em torno de 36%. Portanto observou-se um resultado negativo ou deficitário no equilíbrio da Conta Corrente do Balanço de Pagamentos brasileiro, que vem se repetindo e se intensificando, para os demais anos da década de noventa.

Tabela 3 - Comércio exterior mundial de serviços, segundo regiões- 1993 (%)

Economias	Serviços como % do Total	Distribuição do comércio exterior dos serviços				Taxas anuais de crescimento dos serviços (1980-93)			
		Seguros	Transp.	Viagens	Outros*	Seguros	Transp.	Viagens	Outros*
<b>EXPORTAÇÕES</b>									
Desenvolvidas	30,3	3	4,1	81,9	11	3,8	5,2	8,7	9,6
América	30,9	5	19,9	39,4	35,7	3,9	8,9	12,8	17,4
Ásia	16,5	20,4	20,9	10,4	48,3	4	33	7,1	8,1
África do Sul	15	11,9	32,8	46,6	8,7	1,7	0	6,3	-0,5
Oceania	31,5	7,6	29,7	41,8	20,8	33,8	5,7	12,5	10,3
Em desenvolvimento	26,2	10,8	16,2	36,7	36,2	8,4	4,5	8,6	9,5
América Latina	34,4	7	16,4	45,6	31	4,3	3	6,9	7,2
África	39,3	6,2	29,6	34,2	29,9	-3	4,2	6,5	8,5
Ásia	22,2	12,8	13,2	33,9	40,1	13,2	5,6	11,2	11,1
Europa	32,5	4,5	82,1	9,8	3,6	4,8	2,9	-0,8	-6,2
Oceania	34,3	4,9	19,7	35,4	39,9	13,7	6,4	5	20,5
<b>IMPORTAÇÕES</b>									
Desenvolvidas	31,8	13,2	17	31,9	37,9	4,6	5,2	8,8	10,3
América	46,9	10,5	24,5	29,6	35,4	6,7	4,2	14,3	10,8
Europa	35,1	14,3	14,8	30	40,9	4,4	4,9	7,5	9,4
África do Sul	30,5	25,9	21,1	38,8	14,2	0,8	1,6	7,2	-1,3
Oceania	35,2	20,5	25	30,3	24,2	2,3	5,8	5,9	8,9
Em desenvolvimento	27,2	28,7	13,6	24,4	33,3	3,9	4,7	6,5	6,3
América Latina	30,3	23	18,7	35,9	22,3	3,9	11,5	4	4,2
África	35,6	45,5	16,4	25,3	12,8	-1,1	0,7	1,8	0,8
Ásia	25,9	30,2	12	22,7	35,1	5,6	9	9,3	9,4
Europa	33,8	20,3	18	8,4		2,7	2,9	9,7	1,1
Oceania	62	25	4,3	10,8	60	2,1	-2	10,3	17,2

FONTE: UN Handbook of International Trade and Development Statistics, 1995

\* Incluem serviços de comunicações, construção civil, financeiros, computação e informação, royalties e licenças, culturais, pessoas e recreativos, assessoria e outros.

A composição do comércio internacional de serviços entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, bem como entre os países dentro de cada grupo e região, revela a especialização de cada economia. Por exemplo, os países europeus são muito mais especializados em turismo do que as outras nações, como é observado a partir da parcela relacionada a Viagens na distribuição das exportações. Esta espécie de serviços apresenta a segunda maior taxa anual de crescimento no comércio internacional para todos os países. A maior participação é encontrada nos serviços denominados de “Outros”, que incluem principalmente assistência técnica e consultoria para novos processos produtivos, informação, telecomunicação e outros serviços de informática, ou seja, refletindo a acima mencionada transferência de conhecimento. Estas atividades representam uma parcela importante de serviços de exportação principalmente nos países desenvolvidos americanos e asiáticos, onde os produtores e distribuidores destes setores têm à sua disposição um montante maior de meios modernos de informação e conhecimento. São também consideráveis em outros países em desenvolvimento, com exceção dos localizados na Europa, devido à situação econômica e política pela qual estão passando estes países europeus menos desenvolvidos.

O padrão de especialização da pauta de exportações de serviços é muito diferenciado entre países desenvolvidos e a América Latina. As informações para os países de maior dinamismo mundial agregados no denominado grupo G-7 mostram, de 1970 a 1995, uma queda na participação de exportações e importações de serviços comerciais tradicionais (embarques e outros transportes), e uma elevação no item Viagens. Por os serviços denominados “Outros”, apresentam elevação surpreendente de 34% em 1970 para 47,2% em 1995 nas exportações, com a mesma direção nas importações, embora com menos intensidade (HORTA, SOUZA, WADDINGTON, 1998).

No que se refere ao Brasil, a composição das exportações de serviços é bastante diferenciada dos demais países de nível aproximado de desenvolvimento, afastando-se grandemente dos mais desenvolvidos, apresentando uma divisão quase que balanceada (de 26% a 30%) entre os serviços de Seguros, Viagens e Outros, e inferior (em torno de 17%) para os Transportes. Porém com relação às importações a participação do item Outros, que como vimos inclui grande parte da transferência de

conhecimento, totalizou quase 37% no ano pesquisado e a dos Transportes representou acima de  $\frac{1}{4}$  do total, enquanto as Viagens representaram pouco acima de 20%. As informações para o Brasil revelam taxas de crescimento anuais consideráveis entre 1980 e 1993 para as exportações de serviços de Viagens (17,1%), ou seja, de gastos no país realizados pelos turistas e homem de negócios procedentes do exterior e temporariamente em viagem pelo país. Também revelam taxas consideráveis de crescimento as exportações de Transportes (10,6%), ou seja, os fretes internacionais pagos pelos residentes em outros países, pela utilização de infra-estrutura e dos meios de transportes pertencentes a empresas nacionais. Em contrapartida, as importações de serviços de Viagens, ou os gastos de brasileiros no exterior, também mostraram um crescimento anual significativo (13,2%), porém as taxas para importações de Transportes foram pouco significativas no ano analisado.

É possível concluir-se que no período de 1970 a 1995, tanto as exportações quanto importações de serviços no Brasil revelaram baixo dinamismo, pois no caso das exportações a política pública era voltada para incentivo das exportações de mercadorias e na década de 1980 as políticas de ajuste do Balanço de Pagamentos praticavam a contenções das importações, particularmente a partir da crise de 1982.

Dados mais recentes da Organização Mundial do Comércio (WTO, 2003) revelam as condições dos serviços como responsáveis por uma parcela crescente do comércio internacional. As informações sobre exportações (créditos) e importações (débitos) dos denominados Serviços Comerciais são originadas das estatísticas sobre transações em serviços internacionais incluídas no Balanço de Pagamento dos países, em conformidade com os conceitos, definições e classificações do Manual de Balança de Pagamentos do Fundo Monetário Internacional. A categoria de Serviços Comerciais nestas informações é definida como compreendendo os serviços (excluídos de serviços governamentais) nas informações encontradas nos Balanços de Pagamento dos países. Estes Serviços Comerciais são subdivididos em Transportes, Viagens e Outros serviços comerciais.

Os Transportes cobrem todas as modalidades de serviços de transportes como marítimo, aéreo e outros, que são executados por residentes de uma economia para os residentes de outra e que envolvem passageiros, movimento

de bens (fretes), aluguéis de empresas transportadoras (afretamento de navio, aviões, etc.) e outros serviços auxiliares. O item Viagens inclui bens e serviços adquiridos por viajantes pessoais, para fins de saúde, educação e outros e por viajantes a negócios. De modo diferente de outros serviços, a categoria Viagens não se refere a um tipo específico de serviços, porém uma forma de consumo dos viajantes em bens e serviços. Os bens e serviços mais comuns compreendidos são: estadia, alimentação, bebidas, entretenimento e transportes (na economia visitada), presentes e lembranças.

Outros serviços comerciais correspondem aos seguintes componentes, definidos no Manual de Balanço de Pagamentos da WTO: (i) serviços de comunicação (telecomunicações, postais e de mensageiros); (ii) serviços de construção; (iii) serviços de seguros; (iv) serviços financeiros; (v) serviços de computação e informática (incluindo serviços de agências); (vi) taxas de *royalties* e licenças, relacionadas a serviços de comércio exterior e receitas pelo uso de ativos intangíveis não-financeiros e direitos de propriedade, tais como patentes, *copyrights*, marcas registradas, processos industriais e franquias; (vii) outros serviços às empresas compreendendo os relacionados ao comércio exterior, *leasing* operacional (aluguéis) e negócios diversos, serviços de relações públicas, de propaganda, pesquisa de mercado e de opinião pública, de pesquisa e desenvolvimento, de arquitetura, engenharia e outros serviços técnicos, de agricultura, mineração e processamento via internet; i (viii) serviços pessoais, culturais, de lazer, incluindo audiovisuais.

As informações do comércio mundial para os países do G-7 (Estados Unidos, Canadá, Japão, Alemanha, França, Reino Unido e Itália), a partir de 1980 a taxa de crescimento das exportações de serviços comerciais se mostrou superior à das mercadorias, e para esse grupo foi superior à verificada no global do mundo. Entre estes serviços comerciais os denominados serviços Diversos, tiveram maior expansão relativa de 1970 a 1995, de 34% para 47,2%. Com relação às importações, o grupo G-7 mostrou uma elevação na relação entre serviços comerciais e mercadorias de 21,3% em 1980 para 25,2% em 1994, com ligeira redução para 21,1% em 1995 (HORTA, SOUZA, WADDINGTON, 1998).

O mesmo comportamento se verificou na América Latina (exclusive o Brasil), porém com menor intensidade, de 1980 a 1995, quando a relação

entre exportações de serviços comerciais e de mercadorias se elevou de 20,9% para 24,3% em 1994, porém caindo para 20,2% em 1995. Para o Brasil, o comportamento foi diferente, pois as exportações de serviços comerciais se elevaram a taxas médias superiores às das mercadorias apenas entre 1970-75 e 1985-95, sendo inferiores entre 1975 e 1985. Portanto essa relação entre exportações de serviços e mercadorias cai de 1975 a 1985 no Brasil de 11,8% para 7,8%, mas eleva-se novamente em 1995 quando atinge 13%. No que diz respeito às importações, porém o comportamento da relação é o mesmo verificado para os G7 e a América Latina, sendo este coeficiente maior para o Brasil do que para o primeiro grupo (HORTA, SOUZA, WADDINGTON, 1998).

Como é observado na Tabela 4, os fluxos mundiais de Serviços Comerciais tiveram no primeiro quinquênio da década de 1990, taxas de crescimento anuais consideravelmente superiores do que no período posterior da década, em todas as categorias de serviços. Particularmente os ligados a Outros serviços auxiliares às empresas - que incluem assessorias técnicas, informática, entre outros - cujo crescimento anual de 16% foi inusitado e não se repetiu. O crescimento do consumo em Viagens neste primeiro período, também foi significativo, desde que a conjuntura internacional favorecia o turismo e os negócios.

Na segunda metade dos anos 1990, os fluxos mundiais observaram diminuição da dinâmica das economias, porém as taxas de crescimento não foram desprezíveis e nova tendência a crescimento se verificou no ano de 2000, particularmente no item Transportes que superou as Viagens, particularmente Transportes de carga. A economia mundial havia emergido da desaceleração verificada no início dos anos 90 e da crise financeira ocorrida em 1997-98, apresentando em 1999 uma aceleração na taxa de crescimento do produto global. No entanto, o início de um novo processo de recessão era perceptível desde o final dos anos 2000 e começo de 2001 nos países industrializados, e os acontecimentos catastróficos do ataque terrorista aos Estados Unidos agudizaram a situação. Nos três primeiros trimestres de 2001, a desaceleração da economia norte-americana já mostrava seus efeitos nocivos sobre o desempenho de outros países, não apenas os menos desenvolvidos, mas também os mais avançados. Naquele período, as discussões sobre a

política econômica mundial giravam em torno da maneira como se verificaria uma “aterrissagem suave” nos EUA, de modo a evitar maior recessão.

Tabela 4 - Fluxos mundiais de serviços comerciais, segundo categorias  
1990-2004

Variação média (% a.a)	Total	Transportes	Viagens	Outros
1990-95	9,3	6	9	11
1995-2000	4,4	3	3	6
2000-04	9,0	9,4	8,8	10,0
2000	6,1	7	4	7
2001	0,1	-1	-2	2
2002	6,4	4	4	9
2003	14	14	10	16
2004	18	23	18	16
2002				
Valor (US\$ Bilhões)	1570	350	480	740
Participação (%)	100	22,4	30,6	47
2004				
Valor (US\$ Bilhões)	2125	500	625	1000
Participação (%)	100	23,5	29,4	47,1

FONTE dos dados brutos: UN Handbook of International Trade and Development Statistics, 1995; World Trade Organization Report, 2005.

Certamente, os efeitos econômicos mais diretos dos atentados se relacionaram à destruição e interrupção de algumas atividades nos Estados Unidos, durante alguns dias, como o fechamento de escritórios, restaurantes, estabelecimentos comerciais na zona afetada, suspensão de atividades financeiras, de seguros e imobiliários, bem como do transporte aéreo. Estas perdas diretas, estimadas pelo Banco Mundial (2002) em 1,5% da produção trimestral do país, se difundiram sobre outras atividades através de efeitos diretos e indiretos e também sobre o consumo privado. Dessa forma, o choque de 11 de setembro reforçou as tendências que se vinham observando nos indicadores econômicos tanto daquele país quanto mundiais, e postergou a recuperação da economia norte-americana em um ou dois trimestres e, como consequência, a retomada do crescimento do comércio mundial.

Os Estados Unidos, antes exportador de crescimento e importador de bens intermediários, capital e consumo, tornou-se exportador do processo de retração e da dificuldade de sobrevivência de empresas de graus diversos

de aporte de capital, difundidos inicialmente com maior rapidez através das organizações multinacionais e transnacionais. Uma gradual transformação nos relacionamentos básicos entre as instituições e os agentes sociais e econômicos é observada entre governos, entre empresas, governos e empresas, governo e cidadãos, ou entre empresas e consumidores, particularmente retraindo a internacionalização de serviços.

A forma como estes acontecimentos afetaram do ponto de vista econômico os distintos países, setores e organizações foi diversa, seja diretamente por meio da diminuição de exportações de bens manufaturados aos Estados Unidos e a outros países, pela repercussão nos preços de matérias-primas, ou ainda pela diminuição dos gastos no comércio exterior em serviços ligados ao transporte aéreo e ao turismo. O crescimento do comércio mundial sofreu uma desaceleração de 13% em 2001 e até fevereiro de 2002 já havia decrescido 2%. Os preços dos *commodities*, exceto petróleo, declinaram em cerca de 7% em 2001, desestimulando o aumento da produção. Por outro lado, os fluxos do mercado de capitais decresceram de um patamar de US\$240 bilhões em 2000 para US\$ 160 bilhões no final de 2001 (WORLD BANK, 2002).

Na Tabela 4, são observados os reflexos desta conjuntura sobre os fluxos de Serviços Comerciais internacionais que registraram crescimento nulo e taxas negativas nas categorias de Transportes e viagens. Além das medidas das instituições financeiras públicas, uma das questões mais relevantes relacionadas à mudança de atitudes das organizações privadas após 11 de setembro, se relaciona à atitude em relação aos planos de investimentos. No que se refere às organizações produtivas, particularmente às multinacionais ou transnacionais, a necessidade de conviver com esta nova realidade aumentou a incerteza com relação à política de inversões internas e dos Investimentos Diretos no Exterior (IDE). Colocou em cheque a continuidade da ampliação da abertura internacional de seus relacionamentos econômicos, por questões de segurança, mudança da demanda mundial, ou ainda maior dificuldade de livre fluxo de insumos e capital financeiro. Em alguns países, aceleraram-se medidas para a substituição de importações, lado a lado com a busca por parceiros comerciais pertencentes ao mesmo bloco econômico regional.

De um modo geral, os países reagiram às repercussões dos acontecimentos, de acordo com a composição de sua estrutura produtiva, seja esta mais

especializada em indústrias e serviços dinâmicos, oligopolizados e atuantes em sistemas transnacionais de produção ou comércio, seja mais tradicional e voltada para o mercado interno. De qualquer maneira, em todas as situações, o rápido fluxo interno e internacional de indivíduos, bens e serviços, foi reduzido e controlado, paralelamente ao esforço de acompanhar e congelar o dinheiro usado por organizações terroristas, através de mudanças nas regras bancárias.

A retomada dos fluxos internacionais de Serviços Comerciais se iniciou já em 2002, com taxas anuais do crescimento do valor de 16% até 2004, em todas as categorias.

Com relação específica ao desempenho do Comércio Exterior de serviços no Brasil, os fluxos começaram a tomar expressão a partir dos anos 1980, com o avanço tecnológico que se iniciou em ramos mais modernos destas atividades e o dinamismo destas trocas internacionais ultrapassou o do comércio de mercadorias. Pesquisa de Horta e outros (1998) ressalta que entre 1970 e 1980 a relação entre exportações de serviços comerciais e de mercadorias apresentava queda e em 1980 já se eleva para 18,8% e em 1995 para 24,1%. No país as taxas de exportações de serviços comerciais tiveram crescimento superior ao das mercadorias nos períodos de 1970/75, 1985/90 e 1990/95.

Esta pesquisa mostra o maior dinamismo nas atividades que incluem serviços tecnologicamente mais modernos incluídos na categoria denominada Diversos, que aumentaram a participação nas exportações mundiais de serviços de mais de 31% em 1970 para acima de 43% em 1995. No entanto comparativamente a países mais avançados, as exportações e importações brasileiras de serviços ainda apresentam um baixo dinamismo. No caso das exportações do Brasil o maior dinamismo ligado às mercadorias, reflete políticas de incentivos ligadas a estas atividades em detrimento dos serviços. No caso das importações de serviços a falta de dinamismo está associada ao período de contenção da atividade econômica desde os anos 1980, resultante das políticas públicas recorrentes de estabilização da inflação e do ajuste da Balança de Pagamentos.

## **Os impactos no comércio exterior de serviços na América Latina**

Especificamente na América Latina, as repercussões comerciais se refletiram mais fortemente no México, na América Central e no Caribe, que constituem economias estreitamente vinculadas à conjuntura dos Estados Unidos, particularmente pela especialização em exportações das indústrias “maquiladoras”, como as de alta tecnologia da Costa Rica e do México, mais sensíveis ao ciclo econômico. As atividades turísticas, hoteleiras e do transporte aéreo, se reduziram sensivelmente no Caribe, com o cancelamento de reservas e vôos, alta dos custos resultante das medidas de segurança e dos seguros. Por outro lado, o desenvolvimento econômico foi afetado não apenas pelo menor dinamismo da economia norte-americana - o mercado mais importante para estes países - mas também pela deterioração dos preços de exportação de seus produtos básicos, como insumos primários para indústria, minerais e energia. No entanto, em Dezembro de 2001, os efeitos mais imediatos dos acontecimentos haviam sido moderados, tendo em vistas as medidas contracíclicas adotadas tanto por países avançados quanto da América Latina e as perspectivas de recuperação começaram a se mostrar paralelamente ao recebimento de investimentos diretos vindos do exterior (IDEs), no início de 2002 (CEPAL, 2002).

Nos países industrializados as medidas anticíclicas de diminuição das taxas de juros do Banco Central Europeu e de outras autoridades monetárias, associadas à baixa inflação e políticas estruturais específicas, começaram a criar, também nos finais de 2001, um ambiente menos crítico para as organizações econômicas. Isto propiciou o reinício da busca de melhoria na produtividade através do aprimoramento tecnológico, com vistas à retomada do desenvolvimento, assim que a fase negativa do ciclo começasse a reversão. Começou a se delinear mundialmente uma evolução favorável no contexto geopolítico, tendo em vista a execução coordenada das políticas econômicas anticíclicas das economias industrializadas, o que facilitou a queda das taxas de juros internacionais. Os mercados financeiros recuperaram o nível de preços anteriores à crise e o preço das matérias-primas atingiu seu ponto mínimo.

Do lado das empresas, as campanhas de promoção comercial dos países

industrializados da América do Norte e Europa, aliadas à melhoria do ambiente internacional, elevou as perspectivas de retomada de planos. Como consequência, os fluxos internacionais de serviços, em 2002 já apresentaram elevação considerável (6,4%), particularmente no item de Outros serviços (9%), que representa cerca de 47% do volume total de fluxos de serviços.

Como visualizado na Tabela 5, que ilustra as taxas de crescimento anual do valor dos Serviços Comerciais do Comércio Exterior de 1995 a 2004, segundo grandes regiões mundiais, os anos de 1995 a 1997 foram de alto crescimento no comércio mundial de serviços, tanto para países desenvolvidos da América do Norte, Europa e Ásia, mas também para os países emergentes da América Latina. As crises financeiras asiática e russa repercutiram de forma consideravelmente negativa no Comércio Exterior de serviços daquelas regiões em 1998 (-14,1%), porém não em outras regiões mundiais, com exceção da África. A partir de 2001, grande parte de países

**Tabela 5 - Taxa de crescimento anual no valor do comércio exterior em serviços comerciais segundo regiões mundiais - 1995-2004 (%a.a)**

	América do Norte	América Latina	Europa	África	Ásia	Mundo
<b>Exportações</b>						
1995	9,5	7,1	14,3	14,3	18,5	14,6
1996	9,5	4,3	4,9	9,1	9,2	7,2
1997	7,6	7,5	2,2	1,9	5	4,1
1998	3	6,6	7,2	-3,1	-14,1	1
1999	8,5	2	2,5	9,2	4,8	3,8
2000	7,5	10,9	2,1	0,2	12,1	6,1
2001	-4	-2,4	2,3	1	-0,8	0,2
2002	2	-3,5	9,2	4	6,9	6,2
2003	5	9	19	24	9	14
2004	11	14	17	20	27	18
<b>Importações</b>						
1995	6,2	4,2	15,4	11,8	21	14,8
1996	7,8	3,2	4,3	3	7,3	5,9
1997	8,8	14	0,7	6	1,9	3,2
1998	7,3	4	9,2	1,4	-10,6	1,9
1999	9,6	-3,8	3,6	-2,5	4,9	3,8
2000	12,4	10,8	1,6	4,6	8,2	6,1
2001	-1,4	0,7	2,7	1,6	-2,4	0,6

**Tabela 5 - Taxa de crescimento anual no valor do comércio exterior em serviços comerciais segundo regiões mundiais - 1995-2004 (%a.a)**

	América do Norte	América Latina	Europa	África	Ásia	Mundo
2002	3	-8,8	8,7	6	3,4	5,2
2003	9	4	19	16	8	14
2004	13	14	15	16	25	17

FONTE: WTO, 2003, 2005

desenvolvidos (exceto da Europa Ocidental) e também da América Latina, sofreram impactos da desaceleração econômica mundial apresentando taxas negativas ou baixas de crescimento nestas transações internacionais.

As Américas do Norte e Latina foram as regiões que receberam os maiores impactos negativos dos acontecimentos de 11 de Setembro, particularmente com relação às exportações e esta última região registrou taxas negativas nestes fluxos em 2002, particularmente no que se refere às Importações, como decorrência de problemas conjunturais macroeconômicos de países representativos como a Argentina e Brasil. No entanto, neste ano, a recuperação das regiões da Europa Ocidental (em torno de 9%) e Ásia foi significativa, tanto para exportações quanto importações, elevando a média de crescimento do valor do comércio internacional de serviços para mais de 5%. A desaceleração foi revertida a partir de 2003 para a América Latina onde já em 2004 os fluxos internacionais de serviços mostraram crescimento de 14% tanto para as exportações quanto para as importações.

Observando-se separadamente as categorias de serviços, verifica-se que os Transportes apresentam a menor participação em exportações em todas as regiões mundiais onde, com exceção do Japão, a participação das importações é superior à das exportações. Isto significa que os países se utilizam com maior intensidade de empresas transportadoras externas que acompanham os bens importados (Tabela 6).

Tabela 6 - Comércio exterior: participação dos serviços comerciais por categoria em regiões selecionadas - 2004

Países	Transportes		Viagens		Outros	
	Export.	Import.	Export.	Import.	Export.	Import.
América do Norte	17,5	27,4	31,4	27,1	51,1	45,6
América Latina	23,8	37,5	48,9	24,5	27,2	38
Europa Ocidental	22,8	23,3	28,1	29,3	49,1	47,4
União Européia*	22,6	22,6	27,2	29,0	50,3	48,3
África	24,6	41,9	51	20,0	24,4	38,1
Ásia	28,5	34,9	26,6	25,8	44,9	39,3
Japão (2002)	37	29,6	5,4	25,0	57,6	45,4

FONTE: WTO, 2005

\* 15 países

Por outro lado, entre as modalidades de Outros serviços, se as importações representam entre 40% a 50% do total de cada região, as exportações das regiões menos desenvolvidas da América Latina e da África compõem apenas em torno de 27% e 25% respectivamente. O Japão é o maior exportador destes tipos de serviços. Os únicos itens de serviços em que as regiões menos avançadas da América Latina e África ultrapassam as demais em exportações corresponde a Viagens, respectivamente com 48% e 51%, ou seja, recebem proporcionalmente um número superior de gastos de turistas em seus países.

O exame da participação das exportações de bens e de serviços comerciais no total das exportações mundiais de economias selecionadas (Tabela 7 e Figura 1) mostra que em 2004, a União Européia participava com o maior volume das exportações mundiais (acima de 41%), e nessa região os serviços equivaliam a 47% do total mundial de serviços e acima de 9% do global exportado. Os 25 países da União Européia exportaram um valor de bens e serviços que representou 91,5% do total da Europa e especificamente os serviços comerciais também participaram com 90% do total das exportações de serviços da região.

A Ásia e a América do Norte mostraram uma representatividade de suas exportações respectivamente de 27,5% e 15% do total mundial, enquanto seus serviços participavam com 4,1% e 3,4%. Por sua vez, as regiões da América Latina e da Europa Oriental (CEIE), cujo nível de desenvolvimento

econômico é consideravelmente menor, apresentam um volume em torno de 3% do global mundial, dos quais os serviços concorrem com menos de 0,5%.

**Tabela 7 - Participação de bens e serviços no total das exportações em economias selecionadas - 2004**

Regiões	Valor	Bens	Serviços
	US\$ Bi	%	%
Mundo	11140	80,9	19,1
América do Norte	1709	77,8	22,2
América Latina	347	83,9	16,1
Argentina	39	87,7	12,3
Venezuela	40	97,5	2,5
Brasil	108	89,4	10,6
Chile	38	84,5	15,5
Colômbia	19	89,2	10,8
Europa	5032	77,6	22,4
África	275	82,7	17,3
Ásia	3060	85,3	14,7
CEIE *	301	88,9	11,1
União Européia **	4580	77,8	22,2

FONTE dos dados brutos: WTO, 2005.

\* Comunidade de Estados Independentes da Europa

\*\* 25 países

Para a maior parte dos países de vários níveis de desenvolvimento as exportações de serviços se situam em torno de 15% a 20% do global do país. As exceções são apresentadas pela Grécia (67%) e Egito (56%), onde predominam os serviços de Turismo. No entanto, em termos de valor absoluto em US\$, alguns países apresentam volume não desprezível, correspondente a cerca de 1/3 do valor movimentado, como os Estados Unidos, Áustria, Espanha e Reino Unido, entre os desenvolvidos e Índia. Países como Argentina, México, Nigéria, Filipinas e Indonésia, revelam baixa representatividade (abaixo de 12%). Neste contexto o Brasil mostra uma movimentação de serviços comerciais aproximada a 10%, abaixo da média regional e inferior ao Chile e à Argentina, apresentando, porém volume de exportações superior ao do México.

Quanto às Importações (Tabela 8 e Figura 1), é importante salientar que

grande parte destas são insumos comprados por empresas e observa-se que os países mais avançados dependem menos da importação para sustentar o dinamismo da economia. A composição das importações das grandes regiões mundiais não difere significativamente da apresentada para as exportações. Nas regiões da América do Norte e da Europa como um todo, a participação dos serviços comerciais no total das importações é inferior ao do total das exportações. O contrário se verifica nas regiões menos avançadas da América Latina, África e CEIE.

Tabela 8 - Participação de bens e serviços no total das Importações em economias selecionadas – 2004

Regiões	Valor	Bens	Serviços
	US\$ Bi	%	%
Mundo	11060	81,1	18,9
América do Norte	2284	85,3	14,7
América Latina	293	80,3	19,7
Argentina	28	76,7	23,3
Venezuela	22	80,2	19,8
Brasil	79	79,6	20,4
Chile	29	78,2	21,8
Colômbia	20	80,7	19,3
Europa	4864	78,9	21,1
África	258	78,9	21,1
Ásia	2852	82,1	17,9
CEIE *	222	77,6	22,4
União Européia **	4443	78,5	21,5

FONTE dos dados brutos: WTO, 2005.

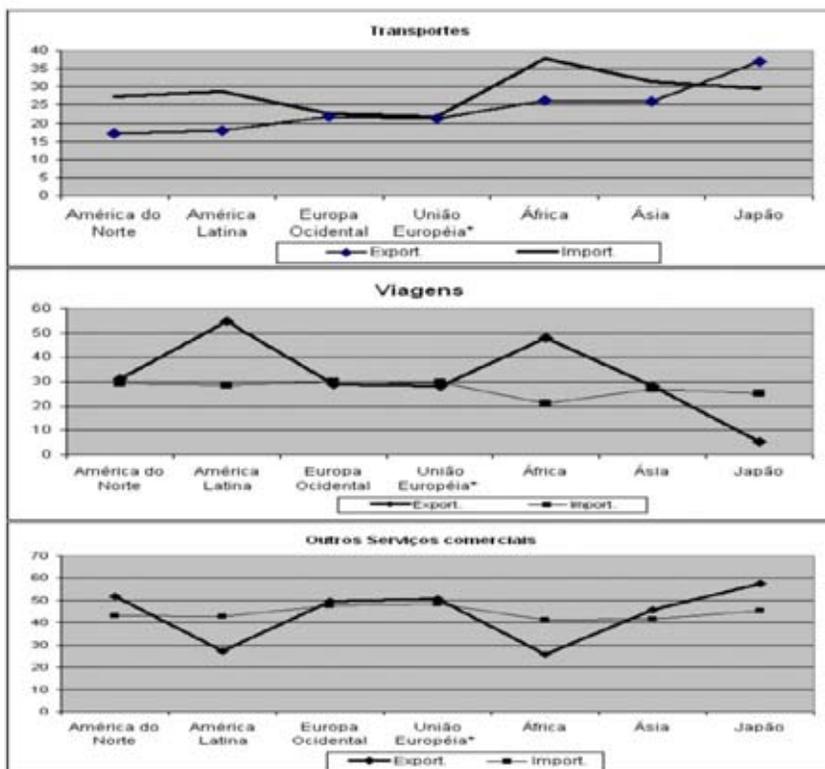
\* Comunidade de Estados Independentes da Europa

\*\* 25 Países

No entanto, entre os países de cada macroregião, existem diversidades de comportamento. O país que em sua pauta de importações participa com o maior volume de serviços é a Irlanda (acima de 44%), mas também a Áustria, Dinamarca, Noruega, a Nigéria, e Indonésia, revelam em 2002 uma representatividade acima de 30%. Por outro lado, os menores importadores relativos de serviços foram o México (9%) e a Turquia (11,6%). Os demais países apresentam participação que variam de 14% a 26%. Salienta-se que não existe relação direta entre a representatividade da importação de serviços

de uma economia e o nível de desenvolvimento do país, porém existe uma relação com o ambiente econômico conjuntural de maior ou menor dinamismo em cada período.

Figura 1 - Participação dos serviços comerciais no comércio exterior em regiões selecionadas



FONTE dos dados brutos: WTO, 2005

Informações da WTO mostram a Balança Comercial da América Latina em relação ao comércio de serviços era deficitária em 2002 em US\$ 8,7 bilhões e os países que constam tanto como maiores exportadores quanto importadores de serviços, ou seja, o México e Brasil também apresentavam déficits consideráveis respectivamente de US\$ 4,5 bilhões e US\$ 4,8 bilhões. Outros países mais desenvolvidos da região, como Chile, Argentina e República Dominicana, embora com volumes menos significativos de

comércio, também estavam em situação de déficit, enquanto países de menor dinâmica econômica apresentam superávit que compensa em parte o déficit global da região. Dessa forma, fica patente a relação entre nível de desenvolvimento econômico e importação de serviços comerciais dos países em desenvolvimento que não estão ainda em condições de se suprirem internamente dos serviços que alavancam o dinamismo da economia.

Tabela 9 - Principais países atuantes do comércio internacional de serviços comerciais da América Latina - 1995-2004

Países	Valor US\$ bi	Participação (%)		Variação percentual anual (%)						
		1995	2004	1995 2000	2000 2004	2000	2001	2002	2003	2004
<b>Exportadores</b>										
América Latina	55,8	100	100	6	4	11	-2	-4	9	14
México	12,5	21,7	22,2	7	...	17	-7	-1	...	...
Brasil	11,5	13,6	20,5	8	6	30	-3	1	9	20
Chile	5,9	7,4	10,5	2	10	4	3	-4	13	21
Rep. Dominicana	3,4	4,3	6,1	11	2	14	-4	-2	13	2
Argentina	4,9	8,3	8,7	4	1	3	-9	-29	27	22
Cuba	3,7	3,2	6,5	14	...	4	-4	...	13	...
Panamá	2,7	2,9	4,8	7	8	7	-1	26	12	7
Costa Rica	2,2	2,2	3,9	14	4	15	8	...	8	10
Bahamas	2,1	3,4	3,7	6	1	12	-7	2	0	5
Jamaica	2,2	3,6	3,9	5	2	2	-6	0	11	4
Colômbia	2,1	3,7	3,7	4	1	6	7	-16	2	13
Antilhas Neerland.	1,8	3,3	3,2	2	3	10	1	4	5	9
Perú	1,7	2,4	3,1	7	4	-1	-6	3	9	11
Venezuela	...	3,5	(1) 1,9	-7	...	-7	5	...	...	...
Guatemala	1,1	1,4	1,9	2	11	7	35	11	-9	11
<b>Importadores</b>										
América Latina	57,6	100	100	5	1	11	1	-9	4	14
México (1)	17	16,6	26,2	13	...	19	-1	3	...	...
Brasil	16,1	24,3	27,9	3	1	17	2	-14	6	12
Chile	6,4	6,5	11,1	5	8	1	4	-2	10	18
Argentina	6,4	12,9	11,2	5	-8	4	-7	-44	15	22
Venezuela	4,3	8,6	(1) 6,1	-3	0	14	9	...	-15	31

**Tabela 9 - Principais países atuantes do comércio internacional de serviços comerciais da América Latina - 1995-2004**

Países	Valor US\$ bi	Participação (%)		Variação percentual anual (%)							
		2004	1995	2004	1995 2000	2000 2004	2000	2001	2002	2003	2004
Exportadores											
Jamaica	1,6	2	2,8	6	4	10	5	4	-2	5	
Equador	1,7	2,1	2,9	1	8	7	13	8	-3	8	
Rep. Dominicana	1,2	1,8	2	7	-4	9	-7	-1			
Panamá	1,4	1,9	2,4	1	6	0	0	10	-1	11	
Costa Rica	1,3	1,7	2,2	7	0	7	-1	...	1	7	
El Salvador	1,1	0,9	1,8	13	4	14	16	-2	1	4	
Guatemala	1,2	1,2	2,2	3	12	3	13	12	7	15	
Bahamas	1,1	1,1	2	9	5	5	-9	3	9	15	

FONTE dos dados brutos: WTO, 2003, 2005

<sup>(1)</sup> 2002

A Tabela 9 que apresenta os maiores exportadores e importadores da América Latina segundo os países, permite observar-se em 2004 a situação do Brasil no contexto de nações em desenvolvimentos em que está inserido.

Verifica-se que a representatividade das exportações no comércio mundial de serviços da América Latina, teve um crescimento desde meados da década de 1990, na quase totalidade dos países, verificando-se maior incremento nesta participação no Brasil e no Chile, em relação aos demais. No que se refere às importações, a mesma tendência e verificou, com exceção da Argentina onde a participação das importações de serviços diminuiu.

Com relação às taxas de crescimento, no período de 1995 a 2000, o crescimento médio anual das exportações e importações de serviços comerciais da América Latina foi da ordem de 6% e 5% respectivamente, e com exceção da Venezuela (-7%) para as exportações, o crescimento foi positivo nos países selecionados. O pico de crescimento foi no ano de 2000, em que a média da região atingiu 11% de crescimento e México e Brasil tiveram crescimento surpreendente de respectivamente 17% e 30% nas exportações e 19% e 17% nas importações de serviços. Como visto anteriormente, as dificuldades apresentadas no comércio mundial no ano de 2001, em razão dos ataques

terroristas aos Estados Unidos, se refletiram grandemente na região latino-americana e com poucas exceções, o crescimento das exportações de serviços foi negativo, situação que perdurou no ano seguinte.

Observa-se que os problemas apresentados no Comércio Internacional no ano de 2001 como decorrências dos ataques terroristas aos EUA, tiveram repercussões consideráveis na América Latina, como retratado pelas taxas negativas de crescimento tanto das exportações (-2% na média da região) em grande parte dos países. As importações, por sua vez, apresentaram taxas negativas apenas no México, Argentina, Peru, República Dominicana, Bahamas e Costa Rica. No caso da Argentina, as taxas negativas consideravelmente superiores em 2001 e ainda mais elevadas em 2002, refletem a situação de aguda crise econômica pela qual o país vinha passando que, no entanto foi revertida nos anos seguintes, quando as taxas de crescimento dos fluxos internacionais de serviços foram consideravelmente superiores na região.

## **Considerações finais**

A literatura especializada mais recente (SAUVANT, 1993; MARCONINI, 2006; MILLES, GREEN, HOWELL, 2001; WOLFL, 2005) tem mostrado a relevância do impacto da aceleração na ampliação e na diversificação das indústrias de serviços como elemento indutor do desenvolvimento econômico dos países, na segunda metade do século XX. Esta visão contrapõe a idéia anterior de que o papel dos serviços era secundário e obscurecido pelo impacto visível da maior importância das manufaturas sobre a geração de renda e empregos. Assim, os serviços foram tradicionalmente considerados como desempenhando um papel subordinado, que se torna visível apenas enquanto o setor manufatureiro o for. Se este setor decresce, e a base de exportação recua, as atividades de serviços sofreriam efeitos multiplicadores reversos.

A automação e a mudança tecnológica tornam o processo produtivo mais serviço-intensivo e reduzem a demanda para trabalhadores na área da produção, enquanto uma parcela crescente de trabalhadores gerenciais, técnicos e de apoio reflete a crescente terciarização da produção e a crescente mudança na divisão de trabalho em grandes empresas.

O avanço acelerado da participação de serviços no comércio internacional

dos países, resultou da reestruturação na composição das atividades produtivas das economias de diferentes níveis de desenvolvimento, na busca de maiores níveis de produtividade e concorrências interna e externamente aos países. A internacionalização dos serviços foi associada à velocidade e ao grau de inovação tecnológica nos processos produtivos e organizacionais, principalmente ligados ao setor de serviços, ou seja, no campo da telemática, e outros processos de telecomunicações, serviços de informática, relacionados à transferência de informação e conhecimento. Além disto, a relevância dos serviços no comércio internacional foi observada através da experiência tanto das economias modernas como das menos avançadas, bem como o impacto sobre o desenvolvimento local e regional destas economias. Estas transformações regionais levaram recentemente a um modelo teórico diferente de influências econômicas baseadas em lugares-centrais distintos ou distintos pólos de crescimento em uma mesma região, ao invés da anterior teoria sobre um único lugar-central. Mais recentemente a forma de comercialização internacional de serviços se verifica através de Investimentos Estrangeiros Diretos, franquias, licenciamentos e parcerias.

Constatou-se que a internacionalização dos serviços no desenvolvimento das economias tem características e graus diferenciados em países mais avançados ou em desenvolvimento, porém é fundamental em qualquer nível de desenvolvimento, ao tornar-se importante fonte de modernização dos processos produtivos, geração de empregos e renda. Por outro lado, o papel dos serviços é mais do que simplesmente a complementação das atividades manufatureiras, mas principalmente é um pré-requisito para o desenvolvimento e não apenas um resultado ou produto final. Assim sua provisão adequada torna-se então um elemento crucial da dinâmica do processo de desenvolvimento das economias. Neste sentido os serviços governamentais desempenham um papel fundamental em países menos avançados, sejam através do fornecimento de bens públicos, ou da complementação da provisão privada de serviços de mercado, a fim de fornecer uma infra-estrutura, serviços educacionais e de saúde, que preparam a economia para o caminho da modernização econômica.

Neste contexto, os países da América Latina encontram dificuldades relativas para a expansão do comércio exterior de serviços, tendo em vista que

a mundialização, na atualidade, continua tendo características excludentes, no que se refere ao acesso a tecnologia, aos requisitos de mão-de-obra, barreiras à entrada e aumento da dependência externa de recursos. Além de barreiras tecnológicas e financeiras, a venda de serviços no exterior apresenta barreiras jurídicas e culturais. As jurídicas se referem aos monopólios, leis ou regulamentações específicas dos diferentes países, bem como normas particulares que regem profissões ou carreiras (exercício de medicina, direito, etc). Entre as barreiras culturais persistem usos e hábitos culturais, idioma (na informação e comunicação), expressões verbais, valores e simbolismos.

De qualquer maneira, grande parte das Indústrias de Serviços, na atualidade, deixa de apresentar a característica essencial de produtos *non-tradables* para assumirem a condição de *tradables*, da mesma forma que as manufaturas e *commodities*, bem como a função de indutores do desenvolvimento econômico. Neste sentido, em economias em desenvolvimento, como nos países latinoamericanos, a velocidade e intensidade do aumento da internacionalização das atividades de serviços, dependem grandemente de políticas públicas internas que, por um lado subsidiem os requisitos necessários para o aumento dos fluxos destas atividades entre países, e por outro busquem a intensificação da internacionalização de serviços através de Tratados e Acordos internacionais.

## Referências Bibliográficas

- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 419.
- CEPAL, *Foreign investment in Latin American and the Caribbean*. Santiago, Chile: CEPAL, 2002. Disponível em: <http://www.eclac.org>.
- HORTA, Maria Helena; SOUZA, Carlos Frederico; WADDINGTON, Sérgio da Cruz. Desempenho do setor de serviços brasileiro no mercado internacional. *Texto para Discussão*, Rio de Janeiro, IPEA, n. 600, p. 20, 1998.
- KON, Anita. *Economia industrial*. São Paulo: Nobel, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Service industries and economic development*. Research Report, University of Illinois at Urbana-Champaign/UIUC, dec. 1996.
- \_\_\_\_\_. *Economia de serviços: teoria e evolução no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Campus/Elsevier, 2004.
- LERDA, Juan Carlos. Globalización y pérdida de autonomía de las autoridades fiscales, bancarias y monetarias. *Revista de la CEPAL*, n. 58, abr. 1996.
- MARCONINI, Mario. *Services in regional agreements between Latin American and developed countries*. Santiago, CEPAL, Série 71, 2006.
- MILLES, Ian; GREEN, Laurence; HOWELLS, Jeremy. *Services and innovation: dynamics of service innovation in the European Union*. University of Manchester, dec. 2001.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: \_\_\_\_\_. *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1994.
- SAUVANT, Karl P. *The transnationalization of service industries*. NY: United Nation, Transnational Corporations and Management Division, 1993.
- SVETLICIC, Marjan. *Development and international cooperation*. Ljubljana: Faculty of Social Sciences, 1993.
- UN - United Nations. *The transnationalization of services industries*. New York: United Nations, 1993.

WARE, Barney. The internationalization of New York services. In: DANIELS, Peter W. (Ed.). *Services and metropolitan development*. London: Routledge, 1991.

WORLD BANK. Selected World Development Indicators - 2000/2001. Genebra: 2002.

WOLFL, Anita. The service economy in OECD countries. *Working Paper*, OCDE/STI 2005/3.

WTO. *World Trade Organization Report, 2003*, Geneva: 2003.

\_\_\_\_\_. *World Trade Organization Report, 2004*, Geneva: 2005.